
IMIGRAÇÃO HAITIANA EM UMA CIDADE DE COLONIZAÇÃO GERMÂNICA (JOINVILLE/SC - BRASIL): OUTRA VISÃO HISTORIOGRÁFICA COMO SUPORTE PARA A RESISTÊNCIA

HAITIAN IMMIGRATION IN A CITY OF GERMAN COLONIZATION (JOINVILLE / SC - BRAZIL): ANOTHER HISTORIOGRAPHIC VIEW AS SUPPORT FOR RESISTANCE

SIRLEI DE SOUZA

Universidade da Região de Joinville

JONATHAN PRATEAT

Universidade da Região de Joinville

KAWANNA ALANO SOARES

Universidade da Região de Joinville

1

Resumo: Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior, realizada pela equipe sob o Programa Institucional de Pesquisa em Comunicação da Universidade da Região de Joinville – Univille. O texto faz um levantamento bibliográfico sobre a formação histórica da cidade de Joinville (SC) quanto à presença do negro, para além da identidade germânica, alicerçado da revisão de autores comprometidos com uma nova historiografia da cidade. Em seguida, são expostos dados sobre a imigração haitiana para o Brasil desde a segunda década dos anos dois mil, bem como o contexto que motiva esse deslocamento. Problematizando atos comunicacionais e ações de violência ocorridos na última década com imigrantes haitianos e lideranças negras na cidade, é realizada a análise do preconceito e da xenofobia no âmbito do racismo estrutural brasileiro. Para compreender o impacto dessas violências na vida dos imigrantes, foram analisadas as narrativas produzidas por um conjunto de entrevistas semiestruturadas com jovens haitianos universitários em Joinville, nesse processo a utilização das redes sociais e da língua de origem se evidenciam como estratégias de resistências e de fortalecimento da perspectiva migrante.

Palavras-chave: imigração haitiana; comunicação; identidade; multiculturalismo; xenofobia.

Abstract: This article is an excerpt from larger research carried out by the team under the Institutional Program for Research in Communication at the University of the Region of Joinville – Univille. The text makes a bibliographical survey on the historical formation of the city of Joinville (SC) regarding the presence of black people, in addition to the Germanic identity, based on the review of authors committed to a new historiography of the city. Then, data on Haitian immigration to Brazil since the second decade of the 2000s are presented, as well as the context that motivates this displacement. Problematizing communicational acts and acts of violence that occurred in the last decade with Haitian immigrants and black leaders in the city, an analysis of prejudice and xenophobia in the context of structural racism in Brazil is carried out. To understand the impact of this violence on the lives of immigrants, the narratives produced by a set of semi-structured interviews with young Haitian university students in Joinville were analyzed. of strengthening the migrant perspective.

Keywords: Haitian immigration; communication; identity; multiculturalism; xenophobia.

1 INTRODUÇÃO

O Século XXI tem se mostrado, nessas primeiras décadas, desafiador. O processo de globalização se intensificou a partir da popularização da internet como meio de comunicação e, assim, como agente de transformação social. Ao mesmo tempo que diminui distâncias geográficas e permite comunicação síncrona por interfaces específicas, abre precedentes para a exposição de conteúdos extremistas e xenofóbicos presumidamente motivados pelo pouco contato digital ou pessoal com o "outro", pela manutenção e continuidade do comportamento discriminatório originado no mundo físico, e pela falsa sensação de liberdade e impunidade que a internet propõe. Nesse contexto, os processos migratórios ocorrem como uma nova diáspora de povos oriundos, em sua maioria, de países de menor desenvolvimento que vêm na tentativa de construção de novos horizontes financeiros e pessoais. Esse povo que, para alguns é visto como "outro", agora urge fazer parte do "nós".

Stuart Hall (2003) faz uma reflexão sobre a relação entre a diáspora, termo originado da história do povo judeu, e a formação da identidade cultural, levantando questões sobre os movimentos migratórios dos povos caribenhos para a Grã-Bretanha, e dos povos africanos para outras partes do mundo. Para o autor, a "pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão" (HALL, 2003, p. 28), com a esperança de dias melhores, o retorno ao país de origem em melhores condições ou o estabelecimento de uma nova vida no país de destino.

Este artigo é um recorte de uma pesquisa realizada sob o Programa Institucional de Pesquisa em Comunicação da Universidade da Região de Joinville – Univille. Ressalta-se que este é um projeto em desenvolvimento que terá a duração de três anos (2020-2023). Na primeira fase do projeto foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com a aprovação pelo Comitê de Ética e então o início da realização das entrevistas e análise das plataformas sociais. Até o final, deseja-se entrevistar cinquenta imigrantes haitianos de diversos grupos – sendo eles acadêmicos do ensino superior, estudantes do ensino médio e trabalhadores locais – para poder ter uma melhor compreensão sobre as

diversas visões da imigração, utilização das redes sociais e o desenvolvimento de estratégias de pertencimento à cidade.

Objetiva contribuir com o entendimento sobre as relações do imigrante haitiano entre si e com a sociedade joinvilense, o processo migratório e sua chegada em Joinville (SC) – município considerado entre os mais industrializados do Sul do Brasil (IBGE, 2015) que ficou conhecido, ao longo de sua formação, como uma cidade migrante com grande potencial econômico e de postos de trabalho (COELHO, 2011).

Busca-se problematizar a historiografia sobre os processos migratórios para a cidade, compreender as tensões relacionadas à presença dos imigrantes haitianos e os conflitos diários advindos do fato de serem imigrantes negros em uma cidade que procurou ser conhecida por suas raízes germânicas, ignorando outros personagens em sua construção. Para isso, o estudo analisa o uso do idioma haitiano, o crioulo, observando sua aplicação no cotidiano dos imigrantes em alguns contextos, inclusive nas plataformas digitais, como forma de resistência de sua cultura.

O estudo aborda a xenofobia e o racismo em diversos níveis, as manifestações ocorridas em Joinville, no mundo físico e virtual, que demonstravam recusa à presença do imigrante negro na cidade e o preconceito vivenciado nas redes sociais de terceiros que se posicionavam a favor da causa imigrante. Ainda, foi realizado um recorte específico desejando analisar falas dos acadêmicos, imigrantes haitianos, em entrevistas concedidas aos autores e nas plataformas de redes sociais para observar características de sua identidade, adaptação no país receptor, resistência contra preconceitos presenciados e a permanência dos vínculos com sua nacionalidade de origem.

Para que seja possível avançar na discussão sobre esse processo migratório para Joinville e suas implicações, é necessário entender a imagem construída por décadas, de “uma cidade germânica”, e a recente problematização historiográfica de novos personagens também protagonistas nesse processo, quando se passou a compreender Joinville como “uma cidade migrante” (COELHO, 2011).

2 A JOINVILLE GERMÂNICA: UMA HISTÓRIA JÁ CONTADA?

O Estado de Santa Catarina é conhecido por suas manifestações culturais oriundas do povo descendente de imigrantes europeus – em especial alemães, portugueses e italianos (IPHAN/SC, 2011). Ao longo do tempo, o orgulho de ter suas origens no velho continente fez com que seu povo celebrasse a culinária, a música típica, o vestuário, a arquitetura e seus idiomas. Não raro, encontram-se famílias em que os integrantes falam em italiano ou alemão, cujos patriarcas e matriarcas são chamados de “nono” e “nona” ou “opa” e “oma”, os sotaques são fortemente baseados nos idiomas de seus antepassados.

Nesse conjunto de cidades, encontra-se Joinville, no norte de Santa Catarina, que mesmo após o processo acelerado de transformação urbana vivida nos anos de 1970 em diante, ainda carrega em suas imagens expostas nos meios de comunicação e, por vezes nos discursos das autoridades locais, a referência a esse processo de colonização. Guedes (2007) destaca que slogans, como “Cidade das Flores” e “Cidade dos Príncipes”, tinham como objetivo remeter à ideia de tradição e de origem em um povo nobre e, por outro lado, a representação como cidade do trabalho aparece em títulos como “Manchester Catarinense” para retratar o moderno e industrializado – novamente uma referência à Europa quando compara-se Joinville com a cidade inglesa de Manchester.

Atualmente, Joinville é a maior cidade do Estado de Santa Catarina em número de habitantes (597.658 pessoas). Ainda, procura manter em seu espaço público a marca de uma cidade de origem europeia, sobretudo germânica. Isso está visivelmente impresso em suas tradições, construções e em inúmeras homenagens em ruas, praças e monumentos.

Figura 1: Placa no Bairro Costa e Silva, em Joinville



Fonte: RAMOS, 2014.

Figura 2: Pórtico na entrada de Joinville



Fonte: PRANDI, 2011.

Figura 3: Mercado Público de Joinville



Fonte: PRANDI, 2011.

A culinária do dia a dia, como a cuca (*streuselkuchen*), rollmops e o chineque (*schnecke*) são pratos típicos¹ em restaurantes, panificadoras e em casas de famílias descendentes dos colonizadores germânicos. Os sobrenomes de algumas das principais figuras históricas também ajudam a confirmar a ascendência alemã, como Hansen, Dobner, Schmidt, entre outros².

Apolinário Ternes (1975), difusor da cidade de Joinville como positivamente germânica, retrata de forma idílica o processo de colonização europeia como fundante do município e deixou marcada essa questão quando afirmou que a cidade era assim constituída: “o povo ‘loiro’ de origem europeia. O povo de uma educação polida e rigorosa. Povo trabalhador, ordeiro, criativo, disciplinado e amante do belo e da harmonia psicológica” (TERNES, 1975, p.54). Nesse período da década de 1970, a cidade já recebia levas de migrantes de outras cidades iniciando um processo significativo de transformação da paisagem geográfica e humana de Joinville (SOUZA, 1998; GUEDES, 2007; COELHO, 2011)³.

¹ Confira: OCP NEWS. 5 comidas que todo joinvilense conhece ou já comeu na cidade. Publicado por: Lucas Koehler, em 22 de outubro de 2019. Disponível em: <https://ocp.news/entretenimento/5-comidas-que-todo-joinvilense-conhece-ou-ja-comeu-na-cidade>. Acesso em: 18 mar. 2021.

² Listado pela Prefeitura do Município de Joinville, em 25 de julho de 2016: ARQUIVO HISTÓRICO. Listas de imigrantes. Disponível em: <https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/Listas-de-imigrantes-de-Joinville-de-1851-a-1891-e-de-1897-a-1902.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2021.

³ Nas obras de Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes: a) A escravidão em uma colônia de “alemães”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, v. 24, 2007. São Leopoldo: Unisinos, 2007; b) Histórias de (l)migrantes: o cotidiano de uma cidade. Joinville: Editora Univille, 2000; c) O exército e a cidade. Joinville: Editora Univille, 2008.

3 A JOINVILLE PLURAL: OUTROS OLHARES HISTORIOGRÁFICOS SOBRE A CIDADE

A história da cidade de Joinville (SC) tem sido revisitada nas últimas décadas, combinando um movimento historiográfico importante e avanços obtidos pelo movimento social em torno da memória dos afrodescendentes no município. Se, por um lado, as pesquisas problematizam fontes já conhecidas, por outro, localizam também novos indícios que contribuem para a reescrita historiográfica. Na década de 1990, estudos trazem à cena esses atores tanto antes da fundação da Colônia Dona Francisca, quanto suas contribuições ao longo dos últimos 170 anos.

Guedes (2007), com o objetivo de analisar a presenças de pessoas escravizadas durante o período da fundação da cidade, realizou estudo baseado nos registros feitos pelas igrejas. Tal estudo possibilitou um aprofundamento da presença e de alguns hábitos culturais vividos pelos descendentes africanos na região. Analisou outros documentos que vão além daqueles produzidos pela administração da colônia, como cartas de sesmarias, atestados de óbito, registros de batismo e inventários *post mortem*. Por exemplo, ao analisar os registros de dados populacionais da Colônia Dona Francisca e, depois, de Joinville durante o Século XIX e o início do XX, “percebe-se que a população de luso-brasileiros e seus respectivos escravos não foi computada” (GUEDES, 2007, p. 6).

Ainda salienta que, ao comparar esses dados com os dados eclesiásticos – em que era inferida a quantidade de escravos de cada família –, nota-se rapidamente que essa população ficava fora das estatísticas, sendo incluídas somente as populações imigrantes que entravam ou saíam oficialmente da colônia por meio da Companhia Colonizadora. Conclui-se que a presença de escravos na colônia de alemães, considerando os dados de documentos não oficiais como suporte de análise eram significativos à época (GUEDES, 2007).

O Arquivo Histórico de Joinville (1992) identificou relatos de que há, aproximadamente, 130 anos, beneficiava-se a cana-de-açúcar em uma usina na região da Estrada do Caminho – Pirabeiraba, hoje um distrito do município de Joinville. Existem

vestígios de que uma comunidade remanescente de quilombolas vive nesse espaço⁴, contudo, dada a construção histórica, a etnia germânica foi mais evidenciada no decorrer do tempo, fazendo com que registros dessas pessoas se apagassem ou ficassem em segundo plano.

Conforme reflexões desenvolvidas por Pollak (1989, p. 10) “O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo”. Tais jogos podem ser percebidos tanto na historiografia construída ao longo do tempo quanto nas falas de atores sociais negros, visibilizadas ou não. Nesse sentido, torna-se fundamental destacar que a memória é sempre provocada pelo presente. São as inquietações sociais e políticas da contemporaneidade que nos levam a revisitar e atualizar o passado. Segundo Pollak (1989, p. 8), é preciso “reconhecer a que ponto o presente colore o passado”. Essa perspectiva de revisitação tem sua fonte nos dados da história, e, “pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro” (POLLAK, 1989, p. 9).

Seguindo tais reflexões, outra contribuição importante foi dada por Dilney Cunha (2008) quando se dedicou a compreender e problematizar questões sobre o trabalho em Joinville, especialmente em um capítulo de sua obra intitulado “Negros, trabalho e sociedade em Joinville”. Nele, o autor utiliza as palavras “esquecimento” e “menosprezo” por parte da historiografia local, ressaltando que

desde o princípio, era do interesse das elites locais destacar em seus discursos a ideia de que a colônia-cidade foi construída pelo trabalho dos imigrantes germânicos, provando assim a sua superioridade em relação aos demais grupos. (CUNHA, 2008, p. 109).

A intenção da direção da colônia era destacar o papel de liderança dos imigrantes germânicos no progresso dessa região, por isso o desenvolvimento de núcleos familiares afros foi dificultado.

Não interessava igualmente aos senhores o nascimento de filhos entre os escravos, pois além de não serem necessários em um sistema de pequena produção, causariam grandes despesas. (CUNHA, 2008, p. 115).

⁴ O processo de certificação dessa comunidade citada como Comunidade Remanescente Quilombola teve início em 2013 e o reconhecimento da comunidade aconteceu 6 anos depois. A Defensoria Pública da União teve participação importante por meio do defensor regional de direitos humanos de Santa Catarina, que auxiliou as lideranças locais no envio dos documentos que faltavam para o reconhecimento.

Sendo que essa posição prejudicou a formação (formal) de novas famílias negras na sociedade da época. Além disso, a ausência proposital do componente africano e afro-brasileiro da história de Joinville, contribuiu para o fortalecimento de um discurso dominante sobre a tradição européia da cidade. Não se trata de não haver, mas de não se falar sobre. Pollak (1989) explica que aquilo que não é dito também tem sua função na formação da narrativa sobre algo:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (POLLAK, 1989, p. 8).

Em novas pesquisas e ações públicas que procuravam marcar a presença afro na cidade, Machado (2018) analisa o processo e a repercussão midiática de uma ação desencadeada por novos estudos acerca do passado de Joinville e ação política patrimonial da então administração pública, que criou no Cemitério do Imigrante um espaço, à luz dos nomes afro-brasileiros que não obtiveram o direito de um monumento funerário, para homenageá-los. Dessa forma “simbolizando que, a partir daquele momento, o Cemitério do Imigrante poderia também ser interpretado como um monumento à presença de negros na história da cidade” (MACHADO, 2018, p. 10), marco importante que o autor repercute nas falas reproduzidas pela imprensa local de lideranças dos movimentos sociais afro⁵. As análises feitas por Machado (2018) remetem a necessidade de “lugares de memória”, como indicado por Nora (1993, p. 13) de “marco testemunha de uma outra era, das ilusões de eternidade”, uma vez que guarda consigo parte da história não dita da presença negra em Joinville.

É nesse cenário que autoridades e meios de comunicação procuram apresentar Joinville, uma grande cidade, ‘cosmopolita’, de desenvolvimento e oportunidades. Mesma cidade que recebe os imigrantes haitianos advindos dos fluxos internacionais contemporâneos, migrantes negros que provocam com sua chegada, a partir, sobretudo, de 2015, reflexões, ações e tensões advindas do que sua presença ressalta como diversidade na cidade.

⁵ Além disso, nos anos 2000, estudos apontaram a presença de escravos em maior número do que os registros oficiais, confira Fontoura e Silva (2005), Borba (2014). Já Coelho (2011) apresenta uma relevante pesquisa dos tempos atuais de como a visão da cidade se altera sem apresentar os diferentes atores que atuam na mesma.

4 O HAITI E O FENÔMENO DA IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

As migrações internacionais são movimentos históricos, nos quais, por vezes, os habitantes se deparam com a impossibilidade de permanecer em seu país devido a situações como perseguição política, desastres naturais e falta de oportunidades de emprego – problemáticas existentes no Haiti⁶.

O Haiti é um país situado no mar caribenho, sua capital é *Port-au-Prince* (Porto do Príncipe). A ilha foi invadida em 6 de dezembro de 1492 pelo navegador Cristóvão Colombo, que exterminou grande parte da população indígena local no Século XVII (KU, web), a partir de então, o país passou por diversas mudanças políticas e sociais.

Ficou conhecido no Século XVII como a “pérola das Antilhas”, por seu grande potencial produtor, já que era a colônia que mais dava lucros ao governo francês (KU, web). A situação atual do país pode estar estreitamente conectada com a sua história. Conforme explica Mbembe (2014) a ilha foi o maior receptor de pessoas escravizadas, ficando atrás apenas do Brasil, e ao chegar o Século XIX, sua população era composta por cerca de 90% de escravos africanos. Durante treze anos, perdurou uma revolta contra os franceses (1791-1804), oriunda do movimento antiescravidão haitiano e a vitória veio em 4 de fevereiro de 1794, na Convenção Nacional de Paris. Essa foi a mais bem-sucedida revolução de escravos e culminou na independência do país, conquistada em 1º de janeiro de 1804. O nome foi mudado de *Saint-Domingue* para *Ayiti in Kreyòl* (Taino de Haiti) e, na Declaração de Independência, o povo livre rejeitou a França e o racismo/colonialismo europeu (MBEMBE, 2014).

O Haiti teve problemas políticos constantes desde sua independência. De 1901 a 1915, houve mais de vinte e duas mudanças no governo. Os Estados Unidos ocuparam o país de 1915 a 1934, sob o pretexto de estabilizar a política, desencadeando mais instabilidade político-social até 1956. Tal conjuntura conduziu à ditadura autoritária, chamada de Dinastia Duvalier (1957-1986), impulsionando intensas ondas emigratórias devido à perseguição política e violência existentes no Haiti. Sucedeu-se a primeira

⁶ Magalhães (2017) aponta que a imigração haitiana para o Brasil ocorre por: a) dificuldade de migrar para países desenvolvidos; b) degradação social, política e econômica do Haiti; e, c) crescimento econômico e inclusão social facilitada por políticas do governo do Brasil.

eleição em 1990, mas ocorreu um golpe militar de Estado que iniciou outro período de violência e a instabilidade perdurou até os anos 2000 (SANTOS, 2014).

A crise financeira mundial de 2007-2008 também abalou o país, que não possuía situação financeira e política estável, afetando diretamente a oferta de empregos e retomando o aumento das remessas emigratórias para outros países (MAGALHÃES, 2017). Após o terremoto de alta escala em 2010 – com 316 mil mortos, 350 mil feridos e mais de 1,5 milhão desabrigados (EL PAÍS, 2020) – e o furacão Matthew, que deixou quase 900 mortos em 2016 (EL PAÍS, 2016), agravou-se o contexto do Estado, em que a maior parte da população se encontra na pobreza, e que possui o pior índice de desenvolvimento humano na América (ONU, 2015).

Os desastres naturais ocasionaram o aumento do fluxo imigratório para o Brasil e juntam-se como potencializadores da emigração à Resolução aprovada pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg) número 97/2012, que autorizava a concessão de até cem vistos permanentes mensais de caráter humanitário para haitianos que desejavam morar no Brasil (LEGISWEB, web). Nesse cenário, o sul do país, que na época detinha um relevante contingente de ofertas de emprego, recebeu um alto número de imigrantes haitianos em relação a outras regiões. E Santa Catarina, em especial a cidade de Joinville, maior cidade do estado, figura entre aquelas que mais serviram de destino desses imigrantes.

Em dados fornecidos pela Polícia Federal, entre os anos de 2012 e 2016, foram registrados no país 77.077 imigrantes haitianos, destes 21,07% em Santa Catarina e com um recorte de 12,60% apenas na cidade de Joinville (SOUZA, 2019). Dados atualizados mostram que foram atendidos pela Polícia Federal da cidade, de 2007 a abril de 2020, 3.991 imigrantes haitianos – com a maior incidência de 1.399 no ano de 2016.

Para esse artigo, as análises e problematizações feitas baseiam-se na primeira parte do projeto de pesquisa que trata da análise dos perfis em redes sociais e de seis entrevistas semiestruturadas com acadêmicos imigrantes haitianos da Univille, que ocorreu entre outubro e novembro de 2020.

Tabela 1: Entrevistados acadêmicos imigrantes haitianos da Univille

Entrevista	Idade	Cidade natal	Chegada ao BR	Curso	Redes analisadas
A	23	Carrefour	2017	Psicologia	Facebook
B	39	Arcahaie	2013	Direito	Facebook
C	22	Porto Príncipe	2013	Enfermagem	Não localizadas
D	20	Porto Príncipe	2013	Comércio Exterior	Facebook; Instagram
E	26	Porto Príncipe	2014	Gastronomia	Facebook
F	21	Haiti	2016	Enfermagem	Facebook

Fonte: Própria; informações coletadas por entrevistas concedidas em 2020 aos autores e pesquisas em redes sociais.

5 O RACISMO E A XENOFOBIA: NEGAÇÃO DA PLURALIDADE ÉTNICA

A vivência da pluralidade étnica, da qual somos constituídos como humanidade e como nação, ainda no século XXI encontra entraves advindos de um racismo estrutural violento. Para Almeida (2018), o racismo é sempre estrutural e acarreta a desigualdade política, econômica e jurídica, levando à segregação étnica. Na visão de Bhabha (1994, p. 55) o racismo deve ser compreendido como o produto de “estruturas simbólicas e espaciais compartilhadas” vinculado a diferentes relações temporais, culturais e de poder. Desta forma, ações de racismo e xenofobia ganham maior espaço e repercussão com a expansão das redes sociais – onde existe o contato entre diversas nacionalidades, culturas e etnias –, bem como com a ascensão de governos autoritários na esfera municipal e federal na última década amplificam, assim, voz e suporte para estes discursos⁷.

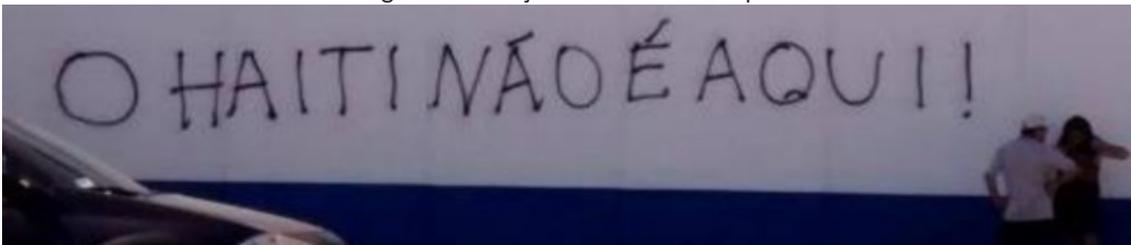
Os imigrantes negros que chegam ao Brasil encontram um espaço preparado para o discurso positivo sobre democracia racial e formação cultural brasileira, como o fez Gilberto Freyre em 1933, servindo como cobertura para a desigualdade evidente. Stuart Hall (2003) sinaliza que o pós-colonialismo não implica na superação de problemas oriundos do colonialismo, onde “‘pós-colonial’ marca a passagem de uma configuração ou conjuntura histórica de poder para outra” (HALL, 2003, p. 56). Ou seja, estariam presentes relações e tensões de poder, dominação, subdesenvolvimento e omissão do Estado.

⁷ Souza (2019) aponta manifestações de desagrado aos imigrantes haitianos em Joinville.

O imigrante, que além de negro e com fenótipos menos miscigenados do que grande parte dos brasileiros, ainda é estrangeiro, provoca novas velhas tensões raciais. Se "uma sociedade multicultural sempre envolve mais do que um grupo" (HALL, 2003, p. 84), esses grupos brancos com um pequeno contingente do "outro" negro e imigrante amplia a quantidade, modifica essa proporção e, ainda, escurece a pele e provoca novamente com a presença dos idiomas que se somam ao português.

E em 2016, a recusa da presença do imigrante negro no setor trabalhista perpetuou-se através da pichação no muro de uma grande fábrica muito conhecida, com a mensagem incisiva de que o imigrante haitiano não fazia parte da cidade e dando a entender que o trabalho existente não era para os haitianos, rotulando o suposto caráter de forasteiros a eles (Figura 4).

Figura 4: Pichação "O Haiti não é aqui"



Fonte: SOUZA, 2019, p. 132.

Souza (2019) explica que a manifestação repercutiu na mídia, revelando discussões sobre a marginalização do imigrante haitiano e sobre quais ações político-sociais, o município estaria realizando para o acolhimento e resolução de problemas para a comunidade haitiana, além do fato destas situações serem realizadas apenas em oposição aos imigrantes negros. O Movimento Antifacista de Joinville afrontou o ataque (Figura 5), com intuito de se impor sobre a manifestação realizada e com a assinatura de um ator político.

Figura 5: Resposta a Pichação "O Haiti não é aqui"



Fonte: SOUZA, 2019, p. 135.

Em meados de 2017, motivada pelo evento, uma acadêmica do curso de Fotografia da Universidade da Região de Joinville (Univille) realizou, como Trabalho de Conclusão de Curso, uma intervenção fotográfica intitulada “Haitianos: cidadãos joinvilenses” que tinha o objetivo de visibilizar as singularidades - utilizando-se de uma técnica artística chamada lambe-lambe (Figura 6). As fotografias foram rasgadas e arrancadas (Figura 7) dos espaços no outro dia (SOUZA, 2019).

Figura 6: Fotografia do projeto Haitianos cidadãos Joinvilenses



Fonte: SOUZA, 2019, p. 137.

Figura 7: Depredações das fotografias com técnica lambe-lambe



Fonte: SOUZA, 2019, p. 137.

Ao narrar a experiência em suas redes sociais, a acadêmica surpreendeu-se com comentários racistas e xenofóbicos de um perfil falso no Facebook (Figura 8). Manifestações carregadas de contrariedade pela exposição e da presença imigrante onde, como explica Hall (2016), o negro é visto como o “outro, fonte do mal, sujo e deturpado” e aquele que realiza comentários impositivos com aversão busca que o “outro igual” concorde com seu ponto de vista.

Figura 8: Ataques na rede social da fotógrafa Amanda Araújo



Fonte: SOUZA, 2019, p. 139.

No ano de 2020, mesmo período em que a discussão sobre a violência contra negros com o movimento “vidas negras importam”⁸ estava em foco, ataques xenofóbicos se misturaram com agressões racistas às lideranças acadêmicas e públicas da cidade de Joinville (SC). O primeiro com o Professor Mestre Jonathan Prateat – designer, professor, pesquisador e extensionista – que, durante a sua apresentação do projeto que criou tratando das questões quilombolas na cidade⁹, sofreu injúria racial advinda de hackers que invadiram o seminário. O caso foi investigado pela Polícia Civil de Santa Catarina e, em 2021, localizaram o autor da ação – um adolescente ligado diretamente a um grupo criminoso admitiu que disseminava conteúdo nazista e racista nas redes do todo o país (NDMAIS, 2021).

E no final de 2020, dias após a eleição municipal para a Câmara de Vereadores, houve inúmeros atos físicos e simbólicos de violência contra mulheres negras eleitas para a legislatura 2021-2024. Em Joinville (SC), isso aconteceu pelas redes sociais de forma violenta com ameaças de morte à primeira vereadora negra eleita na cidade – mensagens que diziam “agora só falta a gente matar ela e entrar o suplente que é branco” e “os fascistas mandaram avisar que ela que se cuide”. Ainda, Ana Lúcia informou que as injúrias e intimidação começaram antes mesmo da divulgação do resultado. Este caso tomou repercussão nacional e está sendo investigado pela Polícia Civil (CARTACAPITAL, 2020).

No processo das entrevistas com os haitianos, a questão do preconceito por causa de sua etnia, bem como as manifestações xenofóbicas também aparecem em suas narrativas, no entanto podemos problematizar de inúmeras perspectivas o que é elaborado pelos imigrantes em relação a essas ações manifestadas diretamente ou simbolicamente expressadas. Em suas falas apresentam algumas estratégias para não vivenciarem tais questões, deixam escapar que preferem conviver mais entre os haitianos para evitar contatos que podem fazê-los experienciar esse preconceito.

⁸ O movimento *Black Lives Matter* (BLM) foi iniciado em 2013 por três mulheres negras e ativistas – Garza, Khan-Cullors e Tometi –, lutando constantemente contra o racismo, ganhou voz após o assassinato de George Floyd por um policial nos Estados Unidos (EUA). Pode ser acessado pelo site: <https://blacklivesmatter.com/>. Acesso em: 19 mar. 2021.

⁹ Projeto Caminho Curto, criado em 2018, integra ensino, pesquisa e extensão. Visa promover a cidadania por meio do direito, da história e da comunicação. Disponível em: <https://www.facebook.com/projetocaminhocurto/>. Acesso em: 19 mar. 2021.

Também, elaboram de maneira muito altruísta que sentimentos racistas e xenófobos é problema de quem os tem e que sua estratégia, grande parte do tempo, é ignorar os olhares (Entrevista F, 2020).

Porém, ao longo do diálogo entre entrevistado e entrevistador, algumas situações são narradas em que vem à tona momentos mais conflitantes e que levou o imigrante a atitudes de resistências mais diretas. Um dos exemplos foi uma situação de estopim com a descoberta de que “ser negro” no Brasil representava uma realidade diferente do Haiti:

Eu, eu lembro, uma coisa que me marcou bastante, bastante, eu até briguei com a menina. Ela falou da minha família, insinuou que a gente era um bando de morto de fome que veio para cá, vai saber se a gente não estava se escondendo da polícia, se a gente não cometeu algum crime, sabe?! (...) Mas assim, na hora eu me senti... Era pior coisa que ela podia falar para a gente. Eu tinha o quê? 14, 15 anos... Era pior coisa que ela podia falar para mim! Eu briguei com ela, eu bati nela e depois fui chorando para casa! (Entrevista D concedida aos autores, 2020).

A descoberta dolorosa na adolescência de que ser negra no Brasil significa enfrentar o racismo estrutural, aprender a combater o preconceito e criar espaços alternativos de empoderamento chegou para a imigrante com uma violência imensa, “aquilo me doeu, sabe?! E naquele dia eu aprendi a palavra negra, porque eu não sabia se existia!” (Entrevista D concedida aos autores, 2020). Na dor se reviu, foi buscar a origem, queria entender em sua língua o significado, precisa compreender a dimensão daquela violência:

Fui para casa, contei para o meu pai, que tinha uma menina que tinha me chamado de negra e eu perguntei para ele se existe essa palavra (...) em crioulo ou em francês. Ai que ele me explicou que existe. Então, é... A partir daquele dia eu passei a me sentir negra, eu passei a me sentir diferente! (Entrevista D concedida aos autores, 2020).

Muitas outras narrativas ressaltam situações de preconceito, por exemplo, o fato de as pessoas evitarem sentar-se próximas no ônibus, atitude que julga preconceituosa (Entrevista F, 2020). Ainda, uma das entrevistadas sofreu com a xenofobia no Ensino Médio e explicou:

Então eu não sei dizer se o que aconteceu foi racista, mas tipo sofrer, sofrer não muito. Só que, quando eu estava no Ensino Médio, no terceiro ou segundo ano, não me lembro direito, teve uma professora que tipo estava proibindo a gente de falar a nossa língua, sabe? Ela começou a falar que a gente está no país dela, que a gente tem que respeitar isso né, que nós não podemos falar nossa língua, que temos que falar o português aqui. Ela não entende, sabe? Acostuma porque se ela for... Eu digo assim, se ela for no outro país, vamos por ela vai lá no Estados Unidos, aí ela tem a própria família ou amiga, alguma coisa. Quando ela chegar não vai ficar falando só em inglês, sabe? Ela vai falar tipo outra língua, ela vai te falar a língua dela que é o português. (Entrevista F concedida aos autores, 2020).

A visão defendida por Brah (1996, p. 153) é que o racismo abrange uma coletividade de preceitos, seria o ser “inerentemente diferente” – não unicamente biológico – onde os processos de racialização seriam mais complexos do que o simples excluído e incluído, superior e inferior. Estando presente no preconceito espaços ambivalentes preenchidos de admiração, inveja e desejo, embora estas ações possuam como base uma história de exploração, inferiorização e exclusão do outro.

Percebe-se nas entrevistas uma postura de altivez nas falas. Elaborando sobre as atitudes preconceituosas, declaram: “a pessoa preconceituosa está sofrendo, sabe? Ele está sofrendo, é ele que tem problema. Eu não tenho nenhum problema com ninguém” (Entrevista B, 2020).

6 O IMIGRANTE HAITIANO E O SEU CRIOULO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

O processo de pesquisa empírica, num primeiro momento, ocorreu de forma exploratória e buscou-se no espaço da mídia conteúdos produzidos pelos imigrantes haitianos sobre a sua visão de mundo e as vivências experienciadas na cidade de Joinville (SC). Na pesquisa, em redes sociais, foram utilizadas as seguintes palavras-chave em português, francês e crioulo: haitianos; haitianos Joinville; imigração haitiana; haitiana.

Durante as entrevistas com os acadêmicos imigrantes haitianos¹⁰, apareceram outros espaços virtuais por eles ocupados, entre eles, um canal, na plataforma YouTube, de entretenimento dos imigrantes da cidade¹¹ que conta histórias no estilo de novelas, feitas em crioulo e de grande alcance. As histórias e minisséries retratam a migração para outro local, conflitos, religião e a importância de laços emocionais, além da desumanização e o menosprezo por trabalhadores – exibindo o contraste entre a inércia do empregador e o empenho constante do empregado.

No processo de pesquisa dos conteúdos postados nas redes sociais foi observado a utilização da língua escrita de formas diversas. Alguns utilizavam o português para realizar publicações, outros apenas em crioulo e aqueles que se manifestavam em diversos idiomas – como francês, inglês, crioulo e o português, quando tinha o intuito de atingir o público brasileiro.

A língua materna é vista por Canetti (2010) como o idioma de ternura, devido à utilização como fortalecimento dos laços afetivos com sua origem e a aprendizagem repassada por gerações. E o idioma adquirido no país receptor torna-se a “língua da razão” em contraste com a “língua da paixão”, que é a materna (KRISTEVA, 2017). Ambos os autores reforçam que a língua carrega a identidade, o sentimento de pertencimento, a conexão viva com a sua nacionalidade e, ao ser utilizada entre os imigrantes, reforça a identidade.

E esta “língua da razão” é necessária para além da comunicação cotidiana, pois o “conhecimento da língua do país que o acolhe constitui um ponto de partida bastante rico para a inserção social do indivíduo que emigra, por ser um forte meio de comunicação de símbolos culturais e identitários” (PEREIRA; COSTA, 2015, p. 92). Se tornando assim o meio de inserção do imigrante nos códigos simbólicos locais e forma de compreensão da sociedade que está adentrando.

¹⁰ As entrevistas foram realizadas por meio virtual devido às restrições ante o Covid-19, em outubro e novembro de 2020, após aprovação do roteiro pelo Comitê de Ética. Foram entrevistados seis acadêmicos.

¹¹ O canal se chama Shinailove Petit, com mais de 14 mil inscritos. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCBz2JG3Hm4WtBAAdRffH6PzA>. Acesso em: 19 mar. 2021.

Sendo assim, estes espaços – sejam físicos ou virtuais – onde o imigrante haitiano utiliza o crioulo para comunicar-se demonstra resistência e a forte conexão com a sua sociedade de origem, questões identitárias e, de certa forma, limitação com quem deseja se comunicar no momento. O ato de utilizar o português apenas quando quer ser compreendido pelos nacionais do país e utilizar o crioulo/francês para aqueles que permanecem ou são do Haiti organiza o direcionamento do discurso, quem deseja afetar e por quem quer ser compreendido – a língua os conecta e lhes dá autonomia, nem sempre presente em seu processo migratório (SOUZA, 2019).

São elementos intrínsecos da identidade do sujeito o nome, nacionalidade, cidadania e a cultura. O idioma faz parte da expressão cultural e é um aspecto fundamental desta, sendo “o meio do qual nos valem para transmitir às gerações o mais íntimo de nosso ser” (ROVIRA, 2008, p. 3), pois é através da linguagem que o ser humano define, molda e nomeia as experiências vividas. Quando os imigrantes são obrigados a esquecer o seu idioma para se adaptar ou aculturar-se ao novo país, isso acarreta, muitas vezes, a perda de suas raízes, identidade e a intimidade de ser daquela nacionalidade – desconectando-se de sua família e seu passado. O idioma vai além da mera formação do contorno da identidade, dando sentido às estruturas sociais, à inclusão e exclusão, pertencimento e o não-pertencimento, do triunfo e fracasso. A autora explica que o conceito de “genocídio linguístico”, criado em 1948 pelas Nações Unidas¹², foi definido como a proibição de determinado grupo de utilizar seu idioma no dia a dia. (ROVIRA, 2008).

A problemática, ao analisar os fluxos migratórios atuais, encontra-se nas tensões de deslocamento, vivências com o diferente, o sentimento de pertencimento e a possível recusa do local de destino (HALL, 2003) e as mídias podem ser utilizadas pela sociedade como uma forma de legitimar o discurso da desigualdade pela cor da pele (SODRÉ, 2015). Sendo de suma importância a análise sobre como o imigrante tem utilizado as plataformas sociais e a forma com a qual as pessoas se manifestam sobre a temática, pois o espaço virtual é concebido como continuação da sociedade física.

¹² Na minuta da Convenção sobre a Prevenção e o Castigo do Crime de Genocídio, em seu artigo III, continha definições de genocídio linguístico e cultural e os considerava crimes de lesão contra a humanidade. Este artigo foi rejeitado pelo voto de 16 Estados na Assembleia Geral das Nações Unidas e não se incorporou ao texto definitivo da Convenção sobre o Genocídio.

Em nenhum dos perfis, foram localizadas falas diretamente a respeito da cidadania imigrante ou mesmo sobre o processo migratório, mas a grande maioria realizava publicações relacionadas a família, a vida acadêmica e a religião. Como pilares de apoio na permanência e adaptação no Brasil, percebeu-se a grande ligação entre a religião e a comunidade haitiana – visto que cinco dos seis entrevistados relataram ter fortes conexões com a comunidade cristã da cidade. Percebe-se a carga emocional positiva dos momentos partilhados na igreja, onde o culto é feito em crioulo. Mais uma vez, os laços com seu país aparecem pelo acolhimento que sentem ao participar de uma cerimônia religiosa em seu idioma, o crioulo. Momento de religião com seus sentimentos religiosos, de fortalecimento de suas redes no Brasil e de resistência via bens culturais importantíssimos para a identidade – a língua materna e a religiosidade.

Outro tema destaque nas redes sociais desse grupo de jovens imigrantes e um dos impulsionadores do ato de migrar é o desejo de estudar e avançar na educação formal. Ainda que as dificuldades para realizar tal propósito apareçam – ligadas à validação de documentação, à burocrática, à compreensão do idioma local e ao custo em permanecer em uma faculdade privada (Entrevista B, 2020) –, os entrevistados indicam em suas narrativas alguns objetivos bem práticos que os levam a vencer tais empecilhos. Entre as metas futuras apresentadas pelos imigrantes, há aqueles que desejam poder retribuir com ações ao seu país e/ou ao seu povo com o conhecimento que aqui estão adquirindo (Entrevista A, 2020). Outros, que já decidiram por aqui permanecer, querem se tornar um ponto de referência para a reivindicação e garantia dos direitos aos imigrantes, como exemplo, os direitos trabalhistas. (Entrevista B, 2020).

Quando eu entrei na faculdade de Direito eu não tinha essa ideia, como, tipo, atuar na área de advocacia. Mas com o tempo eu mudei a ideia, eu fiquei pensando como meu povo que está sofrendo muito na área de trabalho, daí eu falei: “mas por que não... prosseguir e fazer um... Como, tipo, uma especialidade na área de trabalho? Daí eu penso fazer uma especialidade na área do trabalho. (...) Eu posso ajudar”. Eu posso ajudar para que todo mundo tenha o seu direito. (Entrevista B concedida aos autores, 2020).

Quando analisamos a entrevista do jovem haitiano universitário (Entrevista A, 2020), começamos a ler nas entrelinhas o que ainda não nos parecia constar em suas falas, a referência a algo sobre cidadania, direitos humanos, utilização das redes sociais

para um ativismo político. Nos referimos a um jovem inquieto, questionador, com a análise de mundo que passa por um pensamento complexo e desafiador para o nosso entendimento, em um primeiro momento. Na medida em que fomos dialogando, veio à tona a visão da imigração com um direito de cidadania global. Esse universitário, fala e escreve vários idiomas e mantêm-se estudando outros bem atípicos para o mundo ocidental. Sua perspectiva futura é fazer mestrado e doutorado em outro país que não o Brasil. Entre outros projetos imediatos, prepara de forma on-line, em parceria com um primo que mora nos Estados Unidos, um espaço virtual onde imigrantes haitianos do mundo todo possam contar suas histórias.

Assim, pode-se problematizar sobre o ato de migrar não ser apenas uma experiência individual, mas por vezes, um projeto de vida que pode futuramente contribuir, seja lá ou cá, com outros cidadãos haitianos. Vista dessa forma, a imigração torna-se um ato narrativo, histórico e comunicacional e o espaço virtual pode ser considerado riquíssimo para problematizar os desafios, as expectativas e as tensões que envolvem tais processos no mundo contemporâneo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que o tema proposto pela pesquisa, tanto a originária, realizada sob o Programa Institucional de Pesquisa em Comunicação, quanto o recorte aqui proposto, são passíveis de uma série de análises e problematizações que podem caminhar do simples ir e vir geográfico até as teorias sobre cultura, hibridização, eugenia, decolonialidade, entre outros tópicos ativamente discutidos nas ciências sociais. No entanto, olhar para o idioma como um ato de resistência é provocar a própria conjuntura social joinvilense, que insiste em espalhar pela cidade seus acentos germânicos, embora sejam tão brasileiros quanto qualquer outro ser que aqui habite.

Se as crianças brancas falam de seus “*opas*” e “*omas*” em casa, por que as haitianas não podem falar de seus “*granpapa*” e “*grann*”? Por que esses jovens não poderiam se comunicar com os seus a partir de suas vivências, histórias, origens e aproximações? O idioma pode ser visto como um ato de resistência à medida em que faz manter os laços afetivos entre aqui e lá, entre o não-lugar e o lugar de origem.

Este trabalho apresentou uma contextualização histórica e historiográfica que remete à construção de uma cidade que nega a presença negra, ainda que – e poderíamos escrever outro artigo para negar a afirmação – aceite os que aqui já vivem, mas não suporta a ideia de virem outros mais. E esses outros, ainda mais negros, mais africanos, mais representantes da diáspora do que os já miscigenados negros brasileiros.

À luz de Coelho (2011), Souza (1998; 2019), Cunha (2008), Guedes (2007) e Machado (2018), tivemos a oportunidade de reconhecer e a possibilidade de ressignificar a história da presença negra na formação de Joinville. E pautados nas confluências teóricas de Hall (2003; 2016), Mbembe (2014), Pereira e Costa (2015), entre outros, podemos entender, ou tentar, as novas relações sociais que se estabelecem na cidade a partir da migração – que se estendem ao trabalho, à religião, à presença nos espaços públicos, nos espaços de decisão, nas escolas, nas universidades.

Não menos importante do que o aporte teórico, foram as entrevistas, porque mais importante do que escrevermos sobre, é “construir com”. As entrevistas deram a possibilidade de conhecer melhor as realidades de alguns imigrantes haitianos, ao menos daqueles que estudam na Univille, e assim observar como se dão as relações com a comunidade joinvilense, que tanto se orgulha de seus *schnecke*, mas ainda precisa aprender a conviver com esses outros povos.

Com o decorrer da pesquisa, novas oportunidades irão surgir para discussões ainda mais complexas e profundas sobre a presença dos imigrantes haitianos em Joinville, e isso não é apenas um contexto isolado. Trata-se de entender a própria relação entre os grupos étnicos no país na contemporaneidade, uma vez que as tensões que aqui se desenham gerais, nacionais, incomodamente presentes, sobretudo com o advento das plataformas de redes sociais. Concluímos uma curta etapa da pesquisa que agora irá se debruçar ainda mais nos perfis dos imigrantes nas plataformas de redes sociais, para compreender outras muitas relações existentes ou não, possíveis, e suas consequências.

REFERÊNCIAS

- AHJ. **História dos Bairros de Joinville**. Joinville: Arquivo Histórico de Joinville, 1992.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. Disponível em: https://inegalagoas.files.wordpress.com/2020/04/almeida-silvio_-o-que-c3a9-racismo-estrutural_-2-pc3a1ginas-1-17.pdf. Acesso em: 20 de set. 2020.
- BARBOSA, Marialva. **Meios de comunicação e usos do passado: temporalidade, rastros e vestígios e interfaces entre comunicação e história**. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; Herschmann, Micael (Orgs.). *Comunicação e história: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Mauad X/Globo Universidade, 2008.
- BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BHABHA, Homi K. **The Location of Culture**. Nova Iorque: Routledge, 1994.
- BORBA, F. M. **A cultura material das populações africanas e afrodescendentes em coleções arqueológicas da Baía Babitonga (Santa Catarina): usos e práticas negras no passado**. Monografia (Especialização em Arqueologia) – Universidade da Região de Joinville: Joinville, 2014.
- BRAH, Avtar. **Cartographies of diaspora: contesting identities**. Nova Iorque: Routledge, 1996.
- CANETTI, Elias. **A língua absolvida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CARTACAPITAL. **Ana Lúcia Martins: uma vereadora ameaçada pela violência racista**. Publicado em: 04 dez. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/ana-lucia-martins-uma-vereadora-ameacada-pela-violencia-racista/>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante**. Joinville: Editora Univille, 2011.
- CUNHA, Dilnei. **História do trabalho em Joinville: gênese**. Joinville: TodaLetra, 2008.
- EL PAÍS. **Furacão Matthew deixa quase 900 mortos no Haiti e mergulha país no caos**. Publicado em: 08 out. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/06/internacional/1475746470_475357.html. Acesso em: 09 nov. 2020.
- EL PAÍS. **Terremoto no Haiti, a memória fotográfica da tragédia**. Publicado em: 11 jan. 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020/01/09/album/1578569529_549176.html. Acesso em: 09 nov. 2020.
- FONTOURA, Arselle de Andrade da; SILVA, Janine Gomes da. **“...Quer ser declarado livre”**: histórias sobre a presença negra em Joinville no século XIX. Joinville Ontem & Hoje: Joinville, 2005.

GUEDES, Sandra P.L. de Camargo. A escravidão em uma colônia de “alemães”. **XXIV Simpósio Nacional De História** – 2007. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210412_c29dabd918a529d626178c268aa80737.pdf. Acesso em: 13 mar. 2021.

GUEDES, Sandra; BAPTISTA, Lilian Vegini. Que imigrante é esse? Representações do imigrante em um Museu de Joinville/SC. **II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**, 2013. Disponível em: <http://aninter.com.br/ANAIS%20II%20Coninter/artigos/178.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2021.

HAESBAERT, Rogério. As armadilhas do território. In: **Território, modo de pensar e usar**. Fortaleza: Edições UFC, 2016, p. 19-41.

HALL, Stuart. A questão multicultural. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 51-100. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1844657/mod_resource/content/0/Stuart_Hall_-_A%20quest%C3%A3o%20multicultural.pdf. Acesso em: 29 mar. 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio/Apicuri, 2016.

IBGE. **Perfil das cidades**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015). Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420910&search=santa-catarina|joinville>. Acesso em: 20 fev. 2020.

KRISTEVA, Julia. **Meu alfabeto: ensaios de literatura, cultura e psicanálise**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

KU. **Haiti: A Brief History Of A Complex Nation**. *Institute of Haitian Studies from The University of Kansas*. Disponível em: <https://haitianstudies.ku.edu/haiti-history>. Acesso em: 09 dez. 2020.

LEGISWEB. **Resolução Normativa CNlg nº 97 de 12/01/2012**. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=116083#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20concess%C3%A3o%20do,1980%2C%20a%20nacionais%20do%20Haiti>. Acesso em: 10 dez. 2020.

MACHADO, Diego Finder. Nós difíceis de desatar: reaberturas do passado e sobreposições de narrativas patrimoniais sobre a presença negra em Joinville (SC). **Revista Confluências Culturais**, v. 7, 2018. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6559372>. Acesso em: 13 mar. 2021.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **A Imigração Haitiana em Santa Catarina: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2017. Disponível em:

http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/322136/1/Magalhaes_LuisFelipeAires_D.pdf. Acesso em: 10 dez. 2020.

MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra**. Tradução: Marta Lança. 3. ed. Antígona, 2014.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **Dez anos após ser devastado por terremoto, Haiti ainda vive em cenário desolador**. Escrito por: Jacqueline Charles. Publicado em: 15 jan. 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2020/01/dez-anos-apos-ser-devastado-por-terremoto-haiti-ainda-vive-em-cenario-desolador>. Acesso em: 29 jan. 2021.

NDMAIS. **Polícia identifica autor de ataque racista contra professor em Joinville**. Publicado em: 08 fev. 2021. Disponível em: <https://ndmais.com.br/seguranca/policia/policia-identifica-autor-de-ataque-racista-contra-professor-em-joinville/>. Acesso em: 19 mar. 2021.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

ONU. **Ranking IDH Global 2014**. Organização das Nações Unidas (2015). Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html>. Acesso em: 10 dez. 2020.

PEREIRA, Telma Cristina de Almeida Silva; COSTA, Debora Amaral da. Línguas em contato e a formação de redes sociais de imigrantes haitianos no Rio de Janeiro. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 19, n. 1, p. 92-115, 2015.

POLÍCIA FEDERAL. **Registros Ativos Haitianos de 2007 à 27/04/2020 - Joinville/SC**. Encaminhada por Fabiano Jose Rohr, responsável pelo Núcleo de Migração da Polícia Federal de Joinville. Informações enviadas por e-mail em: 27 abr. 2020. Joinville, Santa Catarina.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 26 fev. 2016.

PRANDI, Jair. **O que fazer em Joinville: Pontos turísticos e dicas**. 2011. Disponível em: https://www.google.com/url?q=https://www.viagenscaminhos.com/2011/11/joinville-sc.html&sa=D&source=editors&ust=1616442516576000&usg=AOvVaw2xDXsZ1jw_NNL9GeQDTy1j. Acesso em: 22 mar. 2021.

RAMOS, Raquel. **Em Joinville, falamos o idioma "Álêmón"**. 2014. Disponível em: <http://www.superlinda.com/2014/06/em-joinville-falamos-o-idioma-alemon.html>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ROVIRA, Lourdes C. **A relação entre o idioma e a identidade: o uso do idioma materno como direito humano dos migrantes**. 2008. Disponível em: https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2018/08/a_relacao_entre_idioma_e_identidade_lourdes_rovira-1.pdf. Acesso em: 13 mar. 2021.

SANTOS, Fernando Damazio Dos. **Imigração Haitiana ao Brasil: Especificidades e Dispositivo de Política Migratória Empregado pelo Estado Brasileiro**. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30404428.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

SEYFERTH, Giralda. A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizontes antropológicos**, v. 10, n. 22. Porto Alegre: 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832004000200007&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em: 13 mar. 2021.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOUZA, Sirlei de. **Ecos de Resistência na Desconstrução da Ordem**: uma análise da “revolução de 64” em Joinville. Dissertação Mestrado, Florianópolis: UFSC, 1998. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/77816/139416.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 mar. 2021.

SOUZA, Sirlei de. **Narrativas Imigrantes**: tramas comunicacionais e tensões da imigração haitiana em Joinville/SC (2010-2016). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=20. Acesso em: 24 ago. 2020.

TERNES, Apolinário. Joinville, 124 anos de continuado crescimento. In: **Joinville 1851-1975**. Itajaí: Uirapuru, 1975.

SOBRE OS AUTORES

Sirlei de Souza

Professora Adjunta da Universidade da Região de Joinville (Univille) nos cursos de Direito, Enfermagem, Naturologia e História. Coordenadora do Curso de Direito da Univille de São Francisco do Sul. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9958226369659395>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1168-7034>

E-mail: professorasirlei@gmail.com

Jonathan Prateat

Professor Adjunto da Universidade da Região de Joinville (Univille) nos cursos de Design e Publicidade e Propaganda. Mestre em Design e Expressão Gráfica pela UFSC e Doutorando em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0313114890310260>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2204-1845>

E-mail: jonathanprateat@univillebr.onmicrosoft.com

Kawanna Alano Soares

Bacharel em Direito pela Universidade da Região de Joinville (Univille). Voluntária no Programa Institucional de Pesquisa em Comunicação “Comunicação Inclusiva: o olhar do imigrante haitiano na construção de conteúdos em redes sociais”.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7931975558100604>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7518-7573>

E-mail: kawannaalano@gmail.com

COMO CITAR ESTE ARTIGO

SOUZA, Sirlei de; PRATEAT, Jonathan; SOARES, Kawanna Alano. Imigração haitiana em uma cidade de colonização germânica (Joinville/SC - Brasil): outra visão historiográfica como suporte para a resistência. **Passagens**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 13, p. 1-27, 2022.

RECEBIDO EM: 10/04/2021

ACEITO EM: 05/12/2021

PUBLICADO EM: 14/10/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional
